

A LIQUIDEZ DISCURSIVA DO SÉCULO XXI: OS MEMES E SEU CARÁTER CARNAVALIZANTE

Rossana Martins FURTADO¹

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

RESUMO

Pensando o discurso como uma atividade sócio-histórica e ideológica, conforme as teorias do Círculo de Bakhtin, investigamos, a partir dos memes, a nova cultura discursiva que se instala na sociedade por intermédio das redes sociais. Coadunando com a teoria sociológica de Bauman sobre a Modernidade Líquida (2001), trazemos a questão da *Liquidez Discursiva*: como são as práticas discursivas que proporcionam aos sujeitos interagirem no meio social, o discurso, então, é a produção materializada desta modernidade líquida. Os memes, por sua vez, representam essa liquidez discursiva inundando as redes sociais; sua dinâmica constitutiva híbrida revela um caráter carnavalizante, fluindo do discurso oficial para o não oficial. Os apontamentos levam-nos a considerar que o discurso, enquanto prática social que permeia todas as relações sociais, tende a uma performance mais fluida, adaptando-se às novas tecnologias e às novas demandas sociais. O meme, então, surge como um fenômeno discursivo que tem a carnavalização (BAKHTIN, 2013) materializada nos projetos de dizer.

Palavras-chave: Liquidez Discursiva. Discurso. Meme. Carnavalização.

Primeiras reflexões

Vemos na sociedade atual uma grande produção discursiva nas conversas do dia a dia através das redes sociais. Quando nos meados do século passado via-se uma difícil comunicação à distância – os telefonemas tinham que ser feitos em hora marcada nas centrais telefônica e com uma qualidade muito duvidosa –, hoje, as pessoas conectadas à internet podem se falar a toda hora e de quase todo lugar. A modernidade trouxe possibilidades de comunicação nunca antes imaginada, seja nas esferas oficiais (grupos de trabalho, por exemplo, páginas de empresas no Facebook, profissionais de renome tuitando sobre assuntos relevantes para o país, entre outros) como nas esferas não-oficiais (as conversas cotidianas entre as pessoas). Dessa fluidez, um fenômeno pode ser observado: a criação desenfreada de memes que circulam nas redes sociais.

A fim de buscar compreender os fenômenos sociológicos contemporâneos, trazemos os apontamentos de Bauman (2001) que propõe uma reflexão sobre essa atual configuração da sociedade atual denominando-a Modernidade Líquida. Entendendo por líquido uma variedade dos fluidos, o autor se apropria da fluidez como principal metáfora para definir a sociedade que

¹ Endereço eletrônico: rossanafurtado@hotmail.com

se instala a partir do final do século XX e que ganha cada vez mais força ao adentrar o século XXI. Pondera que os fluidos “não fixam o espaço nem prendem o tempo. [...] não se atêm a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la”. Assim, para os líquidos o tempo importa muito mais do que o espaço que ensejam ocupar, “espaço que, afinal, preenchem apenas ‘por um momento’”, já os sólidos não se inquietam com o tempo (BAUMAN, 2001, p. 8).

Esta proposta profere, de uma forma bem geral, que, no cenário social e político que começa a se moldar desde a última década do século XX, os sólidos conceitos tradicionais dão lugar a novas possibilidades mais fluidas de agir no mundo.

Os fluidos se movem facilmente. Eles ‘fluem’, ‘escorrem’, ‘esvaem-se’, ‘respingam’, ‘transbordam’, ‘vazam’, ‘inundam’, ‘borrifam’, ‘pingam’; são ‘filtrados’, ‘destilados’; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho. Do encontro com sólidos emergem intactos, enquanto os sólidos que se encontraram, se permanecem sólidos, são alterados – ficam molhados ou encharcados. A extraordinária mobilidade dos fluidos é o que os associa à ideia de ‘leveza’(...) (BAUMAN, 2001, p. 8).

Quando analisamos o que vem acontecendo com as práticas discursivas que se configuram na internet, podemos aproximar estes apontamentos de Bauman ao considerar que o discurso nas redes sociais não se fixa no espaço e nem se prende no tempo, já que o espaço virtual é renovado a todo instante por novos discursos, fazendo com que estes “escorram” através da instantaneidade da vida virtual – um momento longe das redes sociais e o usuário pode se perder na enxurrada de mensagens acumuladas em seus perfis e grupos. Os discursos também não se atêm às antigas formas, inovando em gêneros e estilos, como os memes e os posts.

Nessa perspectiva de modernidade cunhada pelo autor, os papéis sociais desempenhados pelos sujeitos liquidificam-se, dada a possibilidade que estes passam a ter de transitarem nas mais variadas esferas sociais, sem a necessidade de se fixarem num determinado lugar social. É o que acontece também na vida virtual, na qual os sujeitos podem circular pelas redes sociais criando seus perfis e participando da vida social virtual em diferentes níveis, ora se posicionando com relação a assuntos sérios, ora debochando com uma postagem irônica, ora apenas registrando que esteve por ali com uma curtida. Estes são apenas alguns exemplos das múltiplas possibilidades de se “borrifar” pela vida virtual. É interessante perceber que o alto grau de mobilidade dentro das comunidades virtuais favorece a liquefação dos papéis sociais e

incita a ressignificação dos sujeitos em determinado espaço-tempo, seja real ou virtual. Ao romper fronteiras, os sujeitos são desafiados a um maior (ou menor) grau de engajamento diante das configurações emergidas *pelos e nas* relações sociais.

A partir do rompimento dessas fronteiras sociais, muitas instituições tradicionais passam por transformações, remodelando os cunhos que as definiam e as orientavam. Como exemplo, podemos citar a família brasileira que antes era marcada apenas pelo formato tradicional chamado de patriarcal: o pai – que detinha o comando –, a mãe (submissa, em sua maioria) e os filhos. Hoje, diversos são os formatos adotados por família: mãe e filhos, pai e filhos, avós e os netos, pai – pai e filhos, mãe – mãe e filhos, entre outras configurações. Nos tempos líquidos, os embates entre a tradição e a modernização são constantes, o que até então não acontecia abertamente. A liquidez permite que o que antes ficava emudecido, agora vem à tona permitindo que os embates sejam travados.

A mobilidade que os sujeitos líquido-modernos adquirem na sociedade, desprendendo-se de seus papéis sociais estanques e “transbordando” em novas configurações sociais, é um traço observável na atualidade. Modelos institucionais solidificados começam a perder campo, enquanto os modelos líquidos passam a ser cada vez mais frequentes e mais atrativos. A liquidez nos permite adentrar novos espaços e, a partir do momento que se entra em contato com eles, vamos ressignificando e sendo ressignificados.

Para Bauman (2013), um dos fatores em que se fundamenta chamar a atual configuração da sociedade contemporânea de líquida é sua “modernização compulsiva e obsessiva, capaz de impulsionar e intensificar a si mesma, em consequência do que, como ocorre com os líquidos, nenhuma das formas consecutivas de vida social é capaz de manter seu aspecto por muito tempo”. O autor teoriza que as formas sólidas que são derretidas não são substituídas por outras “mais sólidas”, pelo contrário, as estruturas que surgem na sociedade são cada vez mais derretidas e inconstantes, dando lugar “a outras, não menos – se não mais – suscetíveis ao derretimento, e, portanto também inconstantes” (BAUMAN, 2013, p.16). A dinâmica social na modernidade líquida acaba por favorecer que as formas institucionalizadas se desestabilizem permitindo uma reorganização constante da vida em sociedade, incluindo as práticas discursivas que se encontram em pleno turbilhão impulsionadas e intensificadas pelas redes midiáticas.

O que observamos hoje em relação à produção discursiva é um alto grau de instabilidade dos gêneros propellido pelos avanços tecnológicos. Apesar de Bakhtin (2003) já ter nos orientado que os gêneros de discursos não são estáveis, mas sim *relativamente estáveis*, hoje convivemos com uma gama de possibilidades de (re)atualização e criação das formas e dos

estilos dos enunciados. Alguns gêneros considerados tradicionais passam a se adequar às novas demandas sociais, como é o exemplo dos jornais televisivos que vêm demonstrando novos formatos de apresentação e de interação com o público.

Todos esses elementos da Modernidade Líquida levam a uma abertura de significados múltiplos sobre o estar no mundo. O indivíduo constrói suas próprias percepções sobre o ambiente, ativando lentes diferentes a cada momento singular. Os discursos também são fluidos e se adaptam aos inúmeros meios nos quais eles se concretizam: um estilo para o jornal televisivo, outro para o jornal *on-line*, outro para o jornal impresso, outro para ser compartilhado no *Facebook*, outro para o *WhatsApp*, outro para o *Twitter* e assim os discursos vão se adaptando e se encaixando na mobilidade que se exprime no dia a dia. A solidez dos discursos oficiais nos novos gêneros advindos da internet muitas vezes é desestabilizada e os resultados são enunciados “encharcados” que se constituem na hibridez das fronteiras discursivas, e a carnavalização tem estado cada vez mais presente nas práticas discursivas virtuais.

Relações dialógicas discursivas

Estudar o discurso com base nos estudos bakhtinianos² é considerar o todo da enunciação. Para Bakhtin, o discurso é “a língua em sua integridade concreta e viva” e deve ser analisado ultrapassando os limites da língua enquanto estrutura, observando os “aspectos da vida do discurso” (BAKHTIN, 2008, p. 207). O que configura o discurso – e o diferencia da língua ‘pura’ – é o seu aspecto dialógico, suas relações com os outros discursos e com os sujeitos que o enunciam. “A língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (BAKHTIN, 2003, p. 265). Por conseguinte, no discurso, ou seja, no enunciado concreto, os fatores linguísticos não podem ser dissociados da situação de enunciação em que são proferidos sob o risco de se perder a significação, já que todo enunciado envolve um evento da vida cotidiana e faz parte do *fluxo discursivo*³. O discurso só se realiza na concretude do ato dos sujeitos nas interações sociais, assim,

sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir. Por mais diferentes que sejam as enunciações pelo seu volume, pelo conteúdo, pela construção composicional, elas possuem como unidade de comunicação discursiva

² Ao falarmos em Bakhtin, estamos nos referindo ao chamado Círculo de Bakhtin em razão das obras assinadas principalmente por Volochínov e Medviédev.

³ Termo utilizado por Bakhtin em *Estética da Criação Verbal* (2003, p. 269-271), que se relaciona à vida do discurso, e que aqui adotamos como um contraponto ao que a autor denomina de “fluxo único da fala”.

peculiaridades estruturais comuns, e antes de tudo limites absolutamente precisos (BAKHTIN, 2003, p. 274).

A linguagem, em sua concretude, tem o dialogismo como preceito básico: os enunciados tanto são produtos da interação entre os sujeitos do discurso quanto são produtos das relações entre os próprios enunciados. As relações dialógicas discursivas são constitutivas de todo discurso. Nenhum enunciado é genuíno, pois surge em resposta a outrem; é atravessado, perpassado por discursos já circulantes na sociedade e, somente levando em consideração estas relações dialógicas, é que se pode perceber os seus efeitos de sentido. São os elos da cadeia discursiva que fazem aflorar o todo da enunciação. O texto ganha vida ao entrar em contato com outro texto, ou seja, no contexto. “Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo. Salientamos que esse contato é um contato dialógico entre textos (enunciados)” (BAKHTIN, 2003, p. 401). Para o filósofo, até a nossa própria ideia, seja em qual âmbito for, “nasce e toma forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros” (BAKHTIN, 2003, p. 298).

As condições sociais e históricas são determinantes para entender como os sentidos trabalham, uma vez que são elas que “determinam o trabalho dos signos na linguagem”. Este princípio, então, é “que permite elucidar o discurso como um objeto híbrido que não pode ser situado somente no terreno da Linguística” (ZANDWAIS, 2016, p. 97). Esta autora, ao discutir importantes conceitos sobre o discurso, traz uma reflexão de Volochínov na qual considera a linguagem como um corpo material que reflete um corpo social. Este princípio nos leva a pensar que o discurso fora de seu momento histórico, desconectado/separado dos fatores sociais que o envolvem e da ideologia que o permeia, torna-se um discurso sem vida. A palavra deve ser apreendida a partir de seu caráter mutável, da sua capacidade de se resignificar em cada enunciação particular em que é proferida, em cada ato singular e irrepetível. Uma visão bastante pertinente é percebida na passagem de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*:

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. *A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.* É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida (BAKHTIN / VOLOCHÍNOV, 2012, p. 98-99 - grifos do autor).

Faraco (2009) nos elucidada que, para Bakhtin, é preciso que voltemos o olhar para a linguagem verbal situada, ou seja, devemos considerar o enunciado concreto como um evento ético, como um *ato performado do mundo da vida*, que necessita ser situado em um determinado contexto cultural axiológico-e-semântico, e a opção pela hifenização é para deixar marcado que a perspectiva para o Círculo de Bakhtin é a interconexão de valor-e-significado.

Assim, em todo enunciado concreto, a vontade discursiva leva o sujeito a imprimir suas marcas: seu valor apreciativo, seu tom e seu estilo. Toda a atividade discursiva que chega até nós está impregnada de sentidos ideológicos e sócio-históricos, e, como sujeitos do discurso, ao compreendermos os enunciados, passamos a assumir uma atitude ativamente responsiva, seja de forma imediata seja de efeito retardado: “cedo ou tarde, o que foi ouvido e ativamente entendido responde nos discursos subsequentes ou no comportamento do ouvinte” (BAKHTIN, 2003, p. 271-272).

Quando os participantes do ato de enunciação passam ao objetivo real da comunicação discursiva, o ouvinte, ao perceber e compreender o significado do discurso, ocupa conjuntamente com o falante uma ativa posição responsiva, seja concordando ou discordando, pode completar o enunciado ou preparar-se para usá-lo. A dinâmica dialógica é intrínseca a toda a compreensão responsiva.

A palavra, a palavra viva, indissociável do convívio dialógico, por sua própria natureza quer ser ouvida e respondida. Por sua natureza dialógica, ela pressupõe também a última instância dialógica. Receber a palavra, ser ouvido. É inadmissível a solução à *revelia*. Minha palavra permanece no diálogo contínuo, no qual ela será ouvida, respondida e reapreciada. (BAKHTIN, 2003, p. 356, grifo do autor).

O Círculo de Bakhtin, em suas marcantes considerações sobre a língua/linguagem, nos remete a um sujeito em que se manifesta tanto a atividade mental do *nós* quanto a atividade mental do *eu*: “assim, a personalidade que se exprime, apreendida, por assim dizer, do interior, revela-se um produto total da inter-relação social” (BAKHTIN / VOLOCHÍNOV, 2012, p. 121). Toda tomada de consciência é, por assim dizer, uma expressão ideológica. No campo do social que os sujeitos, ao interagirem, imprimem suas marcas apreciativas situando-se ideologicamente; e, ao proferirem seus discursos, demarcam sua orientação social, que é mais complexa a depender do grau de organização da coletividade da qual faz parte. A tomada de consciência do eu apenas no seu aspecto interior, tende para a isolamento.

Os sujeitos inferem sentido a depender do grupo social ao qual pertencem, das crenças ideológicas que possuem e da historicidade que traçam. Todos esses fatores intervêm para os

juízos de valor que depositam na linguagem: as censuras, as críticas, os consentimentos, as desaprovações, as discordâncias, as condescendências entre tantos outros. O conjunto da enunciação precisa ser levado em conta ao analisarmos um discurso. Não há como analisarmos um discurso sem posicionarmos sócio-historicamente os sujeitos da interação verbal, para não correremos o risco de relativizarmos os sentidos.

O discurso como materialidade nos instiga a irmos além do sistema da língua. Segundo Zandwaj, o discurso é uma materialidade concreta e deve ser explicado “de acordo com os interesses das formações sociais e com as diferentes práticas que refletem tais interesses através do modo como são produzidas e inscritas em um objeto simbólico – a língua” (2016, p. 96). E as condições sócio-históricas dos participantes da enunciação é que vão fornecer a estes subsídios para experienciar os efeitos de sentido dos enunciados. Por isso, uma análise puramente linguística ou uma puramente psicológica não vai dar conta de perceber o todo da enunciação. É necessário entender que, para além da interação verbal, tem-se a interação social entre os sujeitos da enunciação. A interação verbal somada à interação social, que é sempre histórica e, por isso mesmo, ideológica, constitui a interação discursiva, o discurso, para o Círculo de Bakhtin.

Dá a importância de pensarmos o discurso, também, na sua dimensão sociológica, pois, para entendermos o enunciado concreto, precisamos entender o contexto social, histórico e ideológico em que está inserido, e assim não correremos o risco de fazermos uma análise que revele apenas relações estruturais do enunciado e não o real projeto de dizer. Nas relações sociais, seja na família, no trabalho, na região onde mora, entre tantas outras, são pré-definidos ‘horizontes comuns’ que são presumidos nas interações sociais; e são os não-ditos, aquilo que se encontra nas fronteiras, é que acabam por sustentar o dito. As pessoas que pertencem a um mesmo universo contextual farão as *avaliações presumidas* pelo julgamento de valor que detêm em relação ao objeto de discurso, e é este julgamento que vai determinar a escolha do material verbal e a forma do todo verbal. A entoação, ao imprimir as marcas valorativas, completa a enunciação, ligando o enunciado concreto ao contexto em que está inserido, transportando o discurso verbal para além das fronteiras do verbal, por assim dizer (VOLOCHÍNOV, 1926).

O meme, por exemplo, esse novo gênero que surgiu e que tem se espalhado nas redes sociais como um fenômeno discursivo, como exemplo, constitui-se a partir das relações dialógicas que são estabelecidas em sua constituição, tanto as de forma explícita como as que estão subentendidas na materialidade discursiva. A hibridez é que dá vida aos memes, sempre dialogando não só com discursos outros, mas também com aspectos de outra natureza que não

os linguísticos. Os efeitos de sentido depreendidos destes enunciados concretos vão depender do posicionamento ideológico do interlocutor e do ponto de contato que este consegue fazer com o contexto social, a partir de sua historicidade e de suas relações sociais. Cada interlocutor ativa sua responsividade ao compreender ou não o meme, ao decidir replicá-lo ou descartá-lo, significando-o e o ressignificando a partir de suas experiências singulares.

A nova cultura discursiva advinda das redes sociais

Com a popularização da internet, as redes sociais destacam-se como uma nova ferramenta de diálogo interativo, muito próximo, em suas características, dos gêneros primários formados *nas condições da comunicação discursiva imediata*, como, por exemplo, as réplicas do diálogo cotidiano (BAKHTIN, 2003, p. 263). Há três décadas, por assim dizer, só podíamos pensar em poucas situações do cotidiano social que permitiam o diálogo interativo com possibilidade de troca de opiniões em tempo real entre os sujeitos - como o face a face tanto social quanto profissional, entrevistas em veículos de comunicação, conversas por telefones, entre poucos outros. Já nos tempos líquidos, nos deparamos com muitas ferramentas tecnológicas que possibilitam essa forma de interação – como o *Facebook*, o *Twitter*, o *WhatsApp*, *Snapchat*, *Telegram*, *Tumblr*, *Instagram*, *Blogs*, *sites* interativos, entre *tantos* outros – e são usadas com muita frequência por uma considerável parcela da população.

O que percebemos, nos tempos líquidos-modernos, é que vem se despontando uma nova cultura discursiva que emerge nas velozes e quase incontroláveis redes midiáticas – com destaque para as redes sociais virtuais. O que estamos refletindo aqui é sobre como a grande habilidade que os sujeitos detêm de inovarem em suas práticas discursivas é ativada e impulsionada pelo advento da internet e das Tecnologias de Informação e Comunicação. Os novos gêneros que estão “bombando” nas redes, como os memes, demonstram como a instabilidade das instituições e a capacidade de adaptação rápida dos sujeitos que passam a transitar em variados espaços sociais – reais ou virtuais –, acentuadas pela nova fase da modernidade, são sentidas também nas práticas discursivas, já que estas começam a se ver recheadas de novas configurações. Na verdade, os sujeitos sempre inovaram na utilização dos gêneros, que são inesgotáveis, pois são inesgotáveis também as possíveis formas de interação humana. O que nos parece novo é a velocidade com que surgem estas inovações, alcançando grandes proporções na modernidade líquida. Bakhtin já nos sinalizava que

em cada dado momento histórico da vida verboideológica, cada geração tem sua própria linguagem em cada camada social; ademais, toda idade tem, em essência, a sua linguagem, seu vocabulário, o seu sistema de acento específico

que, por sua vez, variam dependendo da camada social, da instituição de ensino (a linguagem de alunos da escola militar, do realista e de colegiais são linguagens diferentes) e de outros fatores estratificantes. Tudo isso são linguagens sociotípicas, por mais estreito o seu círculo social (BAKHTIN, 2015, p. 65).

Vida verboideológica pode ser pensada também como vida discursiva, dado que o discurso é essa imbricação do linguístico com o social, com o histórico, portanto, com o ideológico. O momento que estamos vivenciando hoje, com o império da internet, favorece a vida verboideológica nas redes sociais, e os memes se instituem com força total. Quando Bakhtin sinaliza que toda idade tem a sua linguagem, podemos pensar que, apesar de que hoje o meme vem se esparramando por diversas faixas etárias e diversas classes sociais, mas não dá para não considerarmos que há uma geração por trás deles, que é a geração líquida-moderna, i.e., os adolescentes e jovens do século XXI⁴.

E para falar nesta capacidade de adaptação e de imbricação dos discursos frente às novas possibilidades discursivas proporcionadas pela modernidade líquida, tanto em suas práticas como em suas formas, é que propomos a metáfora da *liquidez discursiva*. Os discursos, assim como os líquidos, avançam o espaço, rompem o tempo e se moldam rapidamente a depender do meio em que circulam, propiciando uma rápida interação não apenas entre os sujeitos mas também entre os próprios discursos: o movimento dialógico nas redes sociais é expandido e potencializado. O que temos percebido é que discursos de esferas diferentes e que antes circulavam em dimensões discursivas paralelas e pouco se encontravam, hoje têm ocupado um mesmo lugar sociodiscursivo. As redes sociais são palco para uma diversidade de discursos híbridos, formando uma rede de interação, uma arena dialógica em que pessoas de diferentes posicionamentos ideológicos e de diferentes lugares sociais se encontram permitindo uma rica produção discursiva que flui entre os interlocutores.

No fluxo discursivo da modernidade, muitos dos enunciados são concretizados constituindo-se em novos formatos – ou novos gêneros, podemos dizer – e rapidamente alagam nosso cotidiano de variadas formas, não se prendendo à solidez que os moldavam até pouco tempo atrás. Percebemos que cada vez mais os gêneros discursivos são desafiados a um certo grau de mobilidade, desestabilizando a *relativa* fixidez de outrora. E a rapidez com que discursos se esvaem nas redes midiáticas e novos discursos preenchem seus espaços é também uma expressão dessa nova cultura discursiva fluida. A fluidez não só permite que discursos

⁴ Reflexões retiradas de conversas mantidas no grupo de *WhatsApp* do nosso grupo de estudos GEBAKH (coordenado pelo Professor Dr. Luciano Novaes Vidon,) em 19/05/2017.

ocupem rapidamente variados espaços e de variadas formas, mas também que sejam rapidamente levados por uma nova enxurrada de discursos que renovam a cada instante as comunidades discursivas das redes sociais. Os discursos se liquefazem no espaço-tempo num estalar de dedos. *A correnteza discursiva parece arrastar os discursos numa velocidade estrondosa.*

À época da globalização, o fato de termos acesso ao que acontecia no mundo instantaneamente, principalmente por intermédio da esfera jornalística, nos enchia de orgulho. Agora, atentemos para uma nova realidade: as Tecnologias de Informação e Comunicação permitem que a todo segundo possamos ter acesso não só ao que está acontecendo no mundo, mas, e principalmente, ao que está acontecendo no cotidiano dos que nos rodeiam e fazem parte de nossas vidas, seja da vida real ou da virtual, por intermédio das redes sociais.

Abrimos o *Facebook* e, virtualmente, é como se participássemos do dia a dia das pessoas que usam essa rede de forma intensa: sabemos onde foram, com que roupa estavam, o que estão pensando (ou o que dizem que estão), o que estão sentindo, quais suas conquistas, seus problemas e ainda podemos comentar, dando sugestões, conselhos, ou, simplesmente, *curtindo*. E estas informações são renovadas a todo momento, por isso a “necessidade” que muitos usuários sentem de estar constantemente conectados às redes sociais.

O *Twitter* também é um exemplo de rede social em que os discursos são fluidos, pois pode-se observar a velocidade com que vão preenchendo os espaços e as múltiplas formas composicionais encontradas nesta rede – apesar de ser pré-estabelecida a quantidade de 140 caracteres, os usuários utilizam de imagens, *emoctions*, *emojis*, desenhos, entre outros matizes sígnicos. Os discursos são levados rapidamente pela enxurrada de novos discursos que são postados, fazendo oscilar os *trendings topics*⁵: aquilo que está em voga agora como o assunto mais falado pode não ser mais (e provavelmente não será) daqui a questão de horas (ou minutos).

O *WhatsApp* é um outro bom exemplo desta nova cultura discursiva. Aqueles que utilizam esse aplicativo com frequência, recebem uma torrente de mensagens em seu celular diariamente. A interação discursiva flui de forma rápida, conectando pessoas que estão tanto na mesma casa ou a milhares de quilômetros de distância. Grupos são formados por afinidades diversas e um *roll* de pessoas passam a interagir de forma dinâmica, instantânea; até aquelas que nunca se encontraram na vida real podem passar a ser “amigos” na virtual.

⁵ Os *trendings topics* são o *ranking* dos assuntos mais populares do momento no Twitter.

Em suma, múltiplas são as formas de interação que surgem e se instalam na vida cotidiana dos sujeitos da modernidade líquida. Poderíamos aqui ainda citar mais um número de redes sociais e midiáticas que são utilizadas sistematicamente por toda uma gama de pessoas das mais variadas classes sociais e de gerações diversas.

Agora, voltaremos nosso olhar para o grande fenômeno discursivo que surge advindo dessas redes: o meme. Em todas as redes citadas por nós, mas não só, ele vem sendo a grande sensação do momento, seja ao retratar ironicamente algum fato da esfera político-econômica, seja para satirizar alguma pessoa de renome nacional ou internacional, seja para fazer uma piada com algum fato do cotidiano, seja para “brincar” com alguma notícia de alcance nacional ou internacional, seja como uma simples réplica dialogal nas interações discursivas, entre tantas outras; enfim, inúmeras são as motivações singulares para que estes enunciados se constituam e viralizem nas redes.

A liquidez discursiva, os memes e a carnavalização

A episteme da *liquidez discursiva* alicerça-se neste novo cenário que se configura na sociedade do século XXI. Os discursos são líquidos não por não terem consistência, mas por inundarem, transbordarem, respingarem, esvaírem-se, misturarem-se nas práticas discursivas; fazem-se presentes em quantidades expressivas e em múltiplos espaços nos tempos líquidos-modernos. A cultura discursiva na qual estamos inseridos corrobora para que os sujeitos participem intensamente de diversas formas de dialogar, de interagir discursivamente, inclusive e, principalmente, de maneira instantânea; e, assim, instala-se em nossa sociedade o que estamos teorizando como *liquidez discursiva*, ou seja, os discursos não se atêm mais aos sólidos formatos, às sólidas práticas, tornando fluidas muitas das dinâmicas discursivas que se fazem presentes no dia a dia da sociedade líquida.

Os memes têm importante destaque nesse cenário, já que possuem uma fluidez em sua própria concretização, não seguindo regras tão rígidas, e tendo como maior destaque a criatividade, a ironia e o humor. Ora sozinhos ora entrelaçados, os vários modos de enunciação (verbal, visual, sonoro...) fazem-se presentes nesses enunciados concretizados nas redes sociais. Quando falamos em memes, podemos observar que há uma complementação entre o verbal e o visual na maioria das ocorrências, inclusive ganhando movimento, como ocorre nos *gifs* e nos vídeos. Há, contudo os memes, que se materializam apenas com signos verbais ou apenas com não-verbais. Aqui trataremos da nossa tese da *liquidez discursiva* exemplificando-a a partir dos memes, pensando nessa prática discursiva que vem inundando as redes sociais de maneira

avassaladora, alguns sendo replicados por milhares de pessoas, enquanto outros se prendem a certos grupos sociais.

A *liquidez discursiva* pode ser percebida nos memes pela hibridez presente nos enunciados: discursos de diversas esferas sociais tomam formas dissonantes ao se encontrarem, desestabilizando a solidez de seus locais de origem e refletindo uma cosmovisão cômica do mundo. Observemos alguns dos memes que circularam durante as Olimpíadas do Rio 2016: podemos perceber que, juntamente com a esfera das olimpíadas, temos visivelmente a esfera dos ditados populares (Fig. 1), da economia e das finanças pessoais (Fig. 2), da moda (Fig. 3). Ainda havemos de considerar a hibridez ao somarmos aspectos de outras naturezas que não as linguísticas nestes enunciados concretos, como por exemplo, a ideia de que ganhar uma competição impõe respeito e é prazeroso (Fig. 1); que o valor monetário do salário dos trabalhadores tem caído a cada mês (Fig. 2); e que é de bom grado que haja uma harmonia nas cores das roupas e acessórios que usamos (Fig. 3). Todos os elementos extraverbaes precisam ser levados em conta na compreensão de como esses discursos funcionam no corpo social.

a serenidade no olhar de quem
nunca foi mulher do padre



(Fig. 1)



(Fig. 2)

Lov3
@oficiallov3

oi meninas hoje eu vou ensinar vcs
como combinar a roupa com o
acessório



(Fig. 3)

Os memes parecem brincar com a realidade, promovendo na praça pública virtual um riso coletivo. Retomando as propostas de Bakhtin (2013), o autor ao estudar a cultura da Idade Média, coloca que em contraste com a hierarquização da vida oficial, as relações de contato livre e familiar eram essenciais para a visão carnavalesca do mundo. Essa eliminação da hierarquização na praça pública permitia que se elaborassem “formas especiais do vocabulário [...], francas e sem restrições, que aboliam toda a distância entre os indivíduos em comunicação, liberados das normas correntes da etiqueta e da decência” (BAKHTIN, 2013, p. 9). Esse tipo

de linguagem carnavalesca ganha vida nos memes que têm, em sua dinâmica discursiva, formas menos polidas de dizer. O discurso oficial é trazido como pano de fundo para que dele salte a ironia quando misturado ao discurso não oficial, promovendo o processo de carnavalização:

As manifestações populares carnavalescas negam o trabalho centrípeto do discurso oficial, seja da Igreja, seja do Estado feudal. Ridicularizam seu discurso, parodiam suas cerimônias, mostrando, num movimento centrífugo, a relatividade alegre das coisas (FIORIN, 2016, p. 101).

Apesar de o carnaval estar perdendo seu caráter de festa popular em muitos lugares, principalmente nas grandes capitais brasileiras, em sua essência ele é uma manifestação popular em que as pessoas, de alguma forma, se libertam de amarras sociais e vivem aquele momento da festa de maneira mais livre. No carnaval tradicional, se é que esse adjetivo cabe ao carnaval, as pessoas vão fantasiadas, mascaradas, como uma forma de romper com a vida cotidiana e se permitirem ali desempenharem um outro papel, uma outra forma de se portar, mais solta e mais alegre, na qual o riso é premissa. Tanto que falamos em brincar carnaval, ou, já em um deslocamento, pular carnaval, o que demonstra a sua natureza jocosa. Bakhtin reflete que o carnaval com toda a sua ambivalência e seu universalismo “começa a transformar-se em simples humor festivo, e que a “a festa *quase* deixa de ser a segunda vida do povo”, contudo salienta que o *quase* se justifica porque “o princípio da festa popular do carnaval é indestrutível. Embora reduzido e debilitado, ele ainda assim continua a fecundar os diversos domínios da vida e da cultura” (BAKHTIN, 2013, p. 30).

Schaefer nos traz uma boa visão do que é este evento:

O carnaval, como fenômeno popular-social, concretiza a contestação e a irreverência através de vários modos: ridicularização dos poderes constituídos, eliminação de distâncias sociais, inversão de mundos, profanação do sagrado, ocupação desordenada dos espaços públicos, dando vazão a várias formas de indecência, relativizando o que tenta se impor como absoluto, deslocando o curso habitual da vida etc. – tudo isso como espetáculo alegre, onde o riso tem a função catártica de fazer esquecer o mal-estar que os homens se impuseram para conviver socialmente e de forma civilizada. O carnaval procura enfraquecer o rígido controle exercido pelo superego (SCHAEFER, 2011, p. 200).

Já a carnavalização como processo discursivo é a dessacralização dos discursos, uma alegre inversão daquilo que é socialmente estabelecido, na qual percebemos relações discursivas tensas e contraditórias que provocam o riso e, de alguma forma, promovem uma

cosmovisão que liberta do medo (OLIVEIRA, 2016). Dialogicamente, a carnavalização satiriza os embates ideológicos que permeiam as relações sociais. De forma paródica e irônica, os discursos carnavalizados buscam desestabilizar os discursos oficiais, trazendo uma visão que os ridiculariza e os contradita por intermédio da comicidade.

Os memes tendem a carnavalizar as problemáticas em voga: de forma irônica ou satírica, este gênero brinca com assuntos que estão em alta nas grandes mídias, fazendo-os circular nas redes sociais de forma fluida, atingindo um alto número de interlocutores que os replicam, viralizando-os. Com um caráter apropriador, o meme porta num mesmo enunciado “um texto original e algo dissonante a ele, configurando uma releitura desse texto, sendo assim um gênero discursivo que pressupõe a recriação e a recontextualização de uma obra” (HORTA, 2014).

Os memes que têm como tema assuntos que estão em alta na mídia costumam trazer elementos de esferas sociais diferentes que, ao desestabilizá-los, ressignifica-os; o oficial e o não oficial, o sério e o cômico se misturam de maneira a renovar o sentido e provocar efeitos de sentidos outros, a depender da posição sócio-histórica e ideológica na qual se encontram os interlocutores. O tom sério provindo da esfera discursiva de origem, ao criticá-la, torna-se cômico no meme. Há uma dinâmica interna que promove uma pluralidade de vozes ressaltando um estilo próprio, carnavalizado. E, como nos indica Fiorin (2016, p. 98), a visão carnavalesca de mundo “vê tudo numa relatividade alegre”.

Como forma de entrar nos debates que estão circulando na sociedade, esses memes são imanentemente sociológicos. Tratam de assuntos que estão sendo, de alguma forma, discutidos nas esferas midiáticas e podem ser considerados como “ponto de vista da refração de forças sociais vivas”. O tom imprimido nos referidos enunciados tende para a ironia, para a carnavalização de um discurso oficial e não retira deles o lado crítico, pelo contrário, fortifica a criticidade: são como raios de avaliações sociais que refratam o acontecimento sob um determinado ângulo (BAKHTIN, 2003, p. 195-196). As condições sociais, políticas, econômicas e culturais intervêm em nós, sujeitos enunciadore, influenciando nossas práticas discursivas. Não há como separar o sujeito enunciadore do seu local de enunciação. As marcas de sua historicidade estarão impressas em seus enunciados pela entoação incluída em sua estrutura, seja pelo dito ou pelo não dito. Ao escolher replicar ou não um meme, o sujeito assume sua atitude ativamente responsiva e indicia sua posição social, histórica e ideológica.

Ao tratar os assuntos sérios de forma carnavalizada, os memes invertem a perspectiva axiológica e criam um discurso satírico, cômico ao imbricarem o discurso oficial e o não oficial, como é o caso dos memes que se referem ao problema de legitimação do governo de Michel

Temer. Com o lema “Fora Temer”, vários memes são criados tratando o tema com ironia, sarcasmo e levando ao riso aqueles que compartilham da visão de que o ato de posse foi ilegítimo. De forma fluida, esses enunciados invadem as redes sociais sendo replicados pelos sujeitos que utilizam a internet como ferramenta para difundirem seus posicionamentos ideológicos, desde a época do processo de impeachment.

Na intenção de ilustrarmos a nossa discussão teórica, apresentamos um dos memes “Fora Temer” (fig. 5) que circulou de forma viralizada nas redes sociais nos meses de junho e agosto/2016. No intuito de abranger nosso entendimento, trazemos para comparação o discurso oficial que deu base para o meme (fig. 4):



(fig. 4)



(fig. 5)

Este meme (fig. 5) consiste em uma paródia do cartaz oficial inglês (fig. 4) que foi idealizado pelo governo do Reino Unido para ser distribuído no país caso a Alemanha conseguisse invadi-lo durante a Segunda Guerra Mundial. Os dizeres “Keep Calm and Carry On” (Mantenha a calma e continue) serviriam como um discurso de motivação para que os britânicos continuassem suas vidas sem pânico. Apesar de a invasão não ter acontecido, o cartaz acabou sendo achado num sebo inglês no ano de 2000 e se tornou uma febre mundial gerando uma série de produtos comerciais baseados nesta premissa do “Keep Calm”, como camisetas, canecas, canetas, adesivos, uma chuva de memes, entre outros. O vermelho, uma das cores da bandeira da Inglaterra, toma todo o fundo, e a coroa, símbolo da realeza inglesa, se encontra bem no alto. A soma dos elementos verbais e não verbais reflete a oficialidade do discurso.

Como um discurso oficial brasileiro, temos a bandeira do Brasil que serve como pano de fundo para o meme. Símbolo maior de patriotismo, a bandeira nacional representa o amor à pátria, a afinidade de interesses comuns dos cidadãos em prol de viver em um país que seja bom para todos. Na materialidade discursiva, a bandeira é deslocada da posição horizontal para a vertical, promovendo o dialogismo com as outras partes do enunciado.

Já no meme, podemos observar que sua dinâmica constitutiva vem de um processo de hibridação: somam-se vários enunciados já circulantes na sociedade e validados pelos interlocutores para compor um todo enunciativo carnavalizado. Cada um dos enunciados tomados isoladamente leva a um sentido por pertencerem a esferas discursivas distintas; quando colocados em diálogo direto constituem um enunciado concreto que se ressignifica, causando efeitos de sentidos outros que não os dos discursos originários. A intensão discursiva busca na hibridação e na dialogia, a realização do livre projeto de dizer: mostrar de forma satírica um posicionamento ideológico como uma forma de protesto aos acontecimentos políticos brasileiros.

O diálogo entre o discurso de protesto “FORA TEMER” com o discurso de aceitação do cartaz britânico a partir dos elementos constituintes, como a coroa e o enunciado “KEEP CALM”, muda o tom do discurso original. A ideia motivacional “Keep Calm” do discurso oficial se ressignifica ao ser associada à expressão “O CACETE!”. O caráter mutável da palavra permite que efeitos de sentidos outros sejam percebidos neste enunciado concreto, que transforma um discurso de aceitação num discurso de contestação – ou, no mínimo de incitação à indignação contra o que está acontecendo no cenário político do país.

A cosmovisão carnavalesca se presentifica quando a ideia de ‘manter a calma’ é quebrada pela expressão “O CACETE!”, profanando o discurso oficial e levando ao riso. Os embates ideológicos são presentificados no meme como uma sátira, carnavalizando através da inversão dos discursos de origem. O sujeito enunciator sugere que não há como manter a calma diante da situação em que se encontra o país, precisa-se de que seja tomada alguma atitude no sentido de não deixar que um presidente assuma o governo do país através do que esta parcela da população considera como um golpe, qual seja, o impeachment da presidenta Dilma Rousseff. O ponto de exclamação causa o efeito de sentido de um desabafo, e ao mesmo tempo de um convite à luta. Outro ponto carnavalizante é que elementos oficiais tanto britânicos quanto brasileiros – como o símbolo da coroa real e a bandeira nacional – são profanados ao serem associados a um desabafo de baixo calão.

A vontade discursiva manifestada no meme através do valor apreciativo dado às palavras e do tom irônico típico desses enunciados revela o posicionamento sócio-histórico e ideológico do locutor e aguça os interlocutores a assumirem uma atitude ativamente responsiva. Para aqueles brasileiros que se afinam com esse discurso a atitude é de não ficarem calmos e a tomarem uma posição em relação à situação política atual. Fato este comprovado pelo enunciado “FORA TEMER”, posicionado sobre duas faixas vermelhas que remetem ao ato de pichação, tipo de ato que é muito praticado durante manifestações nas ruas e é tido como uma forma de revolta social. A cor vermelha não é escolhida de forma aleatória, todo discurso é carregado de ideologia, e esta cor representa o posicionamento político esquerdista, grupo social que toma a frente do movimento “Fora Temer”.

O enunciador que assume este discurso, ao replicá-lo nas redes sociais, revela um caráter ideológico, quer seja o da ilegalidade do governo do vice-presidente Michel Temer. Aqui é preciso entender que, apesar de esse meme ter um autor específico, identificado pela assinatura no canto inferior direito, Adilson Secco, a *liquidez discursiva* também se apresenta quando o enunciado é assumido por cada sujeito que o replica nas redes sociais, caracterizando uma autoria líquida, na qual não importa mais quem é o autor real do discurso: cada enunciador que repassa esse meme, assume a responsabilidade por seus efeitos de sentido. Cada interlocutor demonstra, assim, uma atitude responsiva a um discurso oficial maior: a posse de um vice-presidente após um processo de impeachment.

A carnavalização está presente neste enunciado de forma bem característica. Percebemos um forte entrelaçamento do discurso oficial e não oficial. São várias esferas discursivas que entram em contato e produzem um discurso carnavalizado, irreverente, que ridiculariza as ações que estão acontecendo na maior casa política do país, o Congresso Nacional. Com efeito risível, o meme busca dar vazão a vozes sociais relativizando os discursos, deslocando-os de seus locais de origem e produzindo um enunciado que satiriza embates ideológicos ao profanar a vida oficial.

A *liquidez discursiva* se apresenta no meme quando, num processo de hibridação, esferas discursivas dissonantes refletem e refratam vozes de diferentes lugares sociais e o discurso não se fixa no espaço, pois este é rompido pela instantaneidade das redes sociais. Nos tempos líquidos-modernos, as práticas discursivas têm se desprendido dos modelos sólidos e fixos de outrora e buscam se adaptar à nova dinâmica social.

Considerações Finais

Para compreendermos a vontade discursiva, o projeto de dizer que se encontra em um meme (e em toda atividade discursiva), não podemos olhar apenas para o material linguístico, é preciso alargarmos nosso olhar para o entorno, para as fronteiras que permeiam e perpassam o discurso. São as condições sócio-históricas e ideológicas que nos abastecem de significados e significantes e que nos tornam sujeitos ativos e responsivos na cadeia discursiva.

Apesar de os gêneros de discursos sempre terem sido inovados pelas práticas sociais e motivados pelas necessidades de cada época, a internet fomenta uma intensa desestabilização dos gêneros circulantes e uma aceleração na criação de novos gêneros, refletindo e refratando a organização social que se instala na modernidade líquida. Fato é que hoje podemos perceber esta nova cultura discursiva que se baseia na liquidez para ganhar forma, sendo os memes um grande exemplo desta nova forma de dizer, de se portar discursivamente frente às novidades e às facilidades que as redes sociais proporcionam. Com seus enunciados carnavalizados, os memes possuem uma dinâmica híbrida que tem no humor e na ironia suas bases constitutivas e pode ser considerado como um fenômeno discursivo que inunda as redes sociais, fazendo parte da vida verboideológica de grande parte dos sujeitos líquidos-modernos.

Após nossas discussões, podemos dizer que a *liquidez discursiva*, perspectiva epistemológica defendida em nossos estudos, vem da reflexão de que, a partir do século XXI, estamos testemunhando uma nova cultura discursiva, na qual os sujeitos inovam em suas práticas discursivas e participam ativamente do fluxo discursivo: basta repararmos à nossa volta para constatarmos que os olhos estão vidrados nos aparelhos celulares; as mãos, em movimentos rápidos pela tela; e um comportamento que parece em estado de hipnose. Mas não podemos colocar neste cenário apenas os jovens protagonistas do século XXI, pessoas de todas as gerações e classes têm se utilizado destas ferramentas, seja de maneira contida, seja de maneira desenfreada.

Mas fica a reflexão: é preciso que saibamos lidar com as novas tecnologias de comunicação mas sem nos esquecermos de que o contato pessoal é de suma importância para a construção da identidade e da personalidade. A alteridade deve ser levada a fundo nas duas instâncias: na virtual e, principalmente, na real. Não podemos nos esquecer que há uma vida cheia de possibilidades e encantos fora das redes sociais. A praça pública da vida real deve ser desfrutada por nós, para que possamos aproveitar as múltiplas possibilidades da convivência face a face.

Referências

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV, V.). *Marxismo e filosofia de linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13ª ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

_____. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 8ª ed. São Paulo: Hucitec, 2013.

_____. *Teoria do romance I: A estilística*. Tradução, prefácios, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. *Vida para o consumo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008

_____. *A cultura no mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.

FARACO, C. A. *O problema do conteúdo, do material e da forma na arte verbal*. In: BRAIT, B (org.). *Bakhtin: dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009.

FIORIN, J.L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Contexto, 2016.

HORTA, N. B., *A concepção cômica do mundo a partir da linguagem dos memes da internet*. In: III Colóquio Semiótica das mídias, 2014, Alagoas. Anais eletrônicos. Alagoas: Centro Internacional de Semiótica e Comunicação, 2014. Disponível em <http://ciseco.org.br/anaisdocoloquio/images/csm3/CSM3_NataliaBotelhoHorta.pdf> acesso em 20/03/2017.

OLIVEIRA, G. *A Construção do discurso paródico na pornochanchada: uma cosmovisão carnavalesca*. 267f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2016.

SCHAEFER, S. *Dialogismo, polifonia e carnavalização em Dostoiévski*. *Bakhtiniana*, São Paulo, V. 6 (1): 194-209, Ago./Dez. 2011.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995.

VOLOSHINOV, N. *Discurso na vida e discurso na arte*. Tradução para fins didáticos de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza. Circulação restrita [1926].

ZANDWAIS, A. *O Sistema da Língua, o Diálogo e o Discurso*. Conexão Letras, v. 16, p. 95-107, 2016.

THE DISCURSIVE LIQUIDITY IN THE 21ST CENTURY: THE MEMES AND ITS CARNIVAL CHARACTER

ABSTRACT

Thinking discourse as a socio-historical and ideological activity, according to Bakhtin Circle theories, we investigate the new discursive culture that is installed in society through social networks. In line with Bauman's sociological theory of Liquid Modernity (2001), we raise the question of Discursive Liquidity: since the discursive practices are the ones that allow subjects to interact in the social environment, discourse, then, is the materialized production of this liquid modernity. Memes, in turn, represent this discursive liquidity flooding social networks; Its hybrid constitutive dynamics reveals a carnivalizing character, flowing from official to unofficial discourse. Notes lead us to consider that discourse, as a social practice that permeates all social relations, tends to a more fluid performance, adapting to new technologies and new social demands. Meme, then, appears as a discursive phenomenon that has the carnivalization (BAKHTIN, 2013) materialized in the projects of saying.

Keywords: *Discursive Liquidity. Discourse. Meme. Carnivalization.*

Enviado: junho/2017

Aceito para publicação: maio/2018

VERBUM – CADERNOS DE PÓS GRADUAÇÃO